

das pessoas que são domesticadas pela cultura e pelos ideais de pertencimento, propriedade e ordem pública, da mesma forma que, para os grafiteiros, a cidade sem inscrições é um túmulo, “um imenso painel cinza, sem graça, sem vida, esperando um artista para colorir”<sup>61</sup>.

A aceitação ou não do graffiti parte de uma construção cultural. O que faz uma obra de Basquiat ser atualmente reconhecida como sendo indiscutivelmente “arte” é a existência de um discurso prévio que assim a legitima. Esse mesmo discurso, em se tratando de arte feita por pessoas comuns que não estão inseridas no mercado de arte ou na academia, rotula outras manifestações como sendo artesanato, *naify* ou pichação.



Fig. 58 – Homem de Nápoles, 1982.  
Jean Michel Basquiat  
Museu Guggenheim, Bilbao

---

<sup>61</sup> Depoimento do grafiteiro Boob, fevereiro de 2005

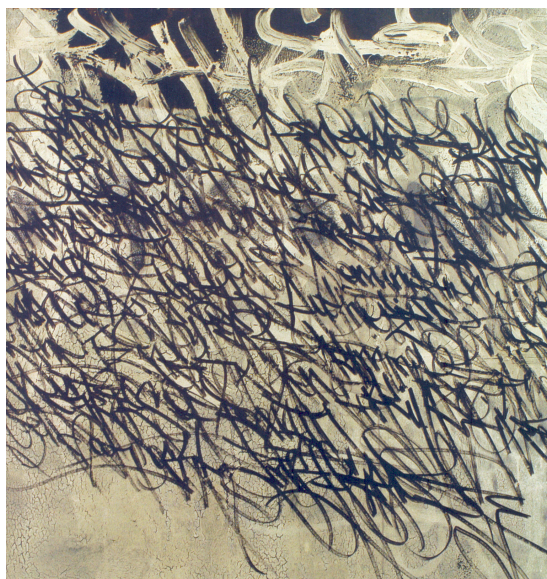


Fig. 59 Graffiti nova iorquino, 2002

Existem inúmeros estudos e publicações com classificações das letras grafitadas em estilos. Adotei, no presente trabalho, a classificação segundo a estética do graffiti Hip hop que serve de base e inspiração para o graffiti produzido na Bahia.

A letra grafitada das primeiras inscrições em Nova Iorque (década de 70) era bastante legível. Não havia *crews* e a intenção era ser rapidamente lido através de letras em caixa alta (maiúsculas) e sem efeitos plásticos<sup>62</sup>. Isso durou até Top Cat<sup>63</sup> desenvolver uma escrita com letras finas, alargadas e de *tracking*<sup>64</sup> estreito. Suas letras eram de difícil decodificação mas era precisamente isso que fazia destacar seu trabalho dos demais. Foi amplamente copiado e teve seu estilo batizado de “Broadway elegant”.



Fig. 60 – exemplo de Broadway elegant

---

<sup>62</sup> Essas primeiras letras ou glifos são também conhecidas como *tags* retos (ver COSTA, 2000, p. 123)

<sup>63</sup> Grafiteiro americano, que atuava no final da década de 70, na Filadélfia.

<sup>64</sup> Tracking é o espaço médio entre caracteres.

A partir daí os grafiteiros passaram a procurar desenvolver *letterings* diferentes, que lhes dessem distinção, notoriedade. Surgiu a necessidade de se concentrar no tamanho e na cor das letras, surgindo os primeiros *tags outline* (linha de contorno) com o grafiteiro Superkool e depois com Phase 2 que “engordou” as letras e as coloriu ainda mais, chamando-as de *bubble letters*<sup>65</sup>. Logo após, surgiram os já citados *throw ups* ou vômitos.



Figura 61 – *Tag outline*



Figura 62 – *Bubble letters (bombs)*



Figura 63 – Vômito (*throw up*)

---

<sup>65</sup> Também chamadas de *Bomb*.

Pode-se identificar ainda em termos de estilos, nessa época (décadas de 70 e 80), as *Block letters* que são perfeitamente legíveis, similares à letra maiúscula caligrafada, (também chamada de letra de imprensa) e o *Wild style* (ou selvagem) de difícil compreensão com suas letras entrelaçadas. Por vezes, as combinações de letras acabam por formar figuras geométrizadas que lembram tatuagens tribais (COSTA, 2000, p. 125).



Figura 64 – *Block letters*



Figura 65 – *Wild style*

Outros estilos se desenvolveram a partir da tentativa de se diferenciar dos outros grafiteiros e alguns deles, nesse período (início dos anos 80 em Nova Iorque), começam a se dedicar ao estudo do desenho e das artes plásticas<sup>66</sup>. Nesse momento, surgem as primeiras inscrições em 3-D. Nesse estilo se simula a tridimensionalidade. Grande parte dessas obras se prendem tanto ao efeito em si que o desenho dos glifos é

---

<sup>66</sup> Caminho percorrido também pelos grafiteiros contemporâneos, porém com motivações diferentes. Enquanto os grafiteiros de Nova Iorque ansiavam por maior conhecimento plástico e estético através da academia, os soteropolitanos, em sua maioria, buscam, na aquisição do diploma, uma maneira de inserção no mercado de trabalho.